

Itamar Rodrigues Paulino

Universidade Federal do Oeste do Pará

A consciência estética das palavras e o romance que pensa entre corpos sonâmbulos

A relação da consciência estética das palavras com romances que pensam, considerando como elemento axial a metáfora "corpo sonâmbulo", é o que nos fez investigar estética e epistemologia. Desenvolver uma consciência estética das palavras é ler/ouvir uma obra na condição de sujeito sensível que pensa ao lado, e encontrar nas entranhas da obra, seu eixo condutor, problematizador, unificador e provocativo, garantindo válidas condições para torná-la objeto fundamental no discurso sobre temas caros à humanidade. Hermann Broch, autor de *Os sonâmbulos*, é experimentador da relação entre consciência estética das palavras e um tipo de romance de formação cognoscitiva. Em sua obra, há sínteses e possibilidades formais ousadas, juntando estética e epistemologia, que são estruturas para alcançar uma espécie de romance total, cuja temática deve ser esgotada por meio de todas as formas narrativas possíveis, irrompendo no leitor e no autor uma consciência estética sem a qual o romance que pensa perde seu valor epistemológico. Entre corpos sonâmbulos, Broch articula condições narrativas e argumentações possíveis para desenhar a morbidez da modernidade, evidenciado a decadência do espírito burguês, colapso da racionalidade totalizante, crescente perda de sentido da vida e desintegração dos valores de uma época. Entre corpos sonâmbulos, Broch destaca a falência de uma época ainda em vida e o nascimento de uma nova ainda não gestada, ou seja, ele explicita um paradoxo terminal, como se assumisse a identidade de um profeta que denuncia o fim de uma época ainda existente – razão pela qual se pode falar dela – e anuncia o nascimento de outra por nascer – razão pela qual pouco ou nada se tem a dizer. Nos romances que pensam, há uma lógica refratária subterrânea eficaz à intenção do escritor em transmitir seu recado, e que nos faz perceber com sensibilidade a realidade originária. Entretanto, sem consciência estética das palavras que permita ao escritor escrever e ao leitor ler um romance que produza pensamento, o encontro entre leitor e escritor recairá na obriedade da ficção que não pensa.
